

1912

—
Fevereiro 20



N.º 5

—
Volume 1.º

A MASCARA

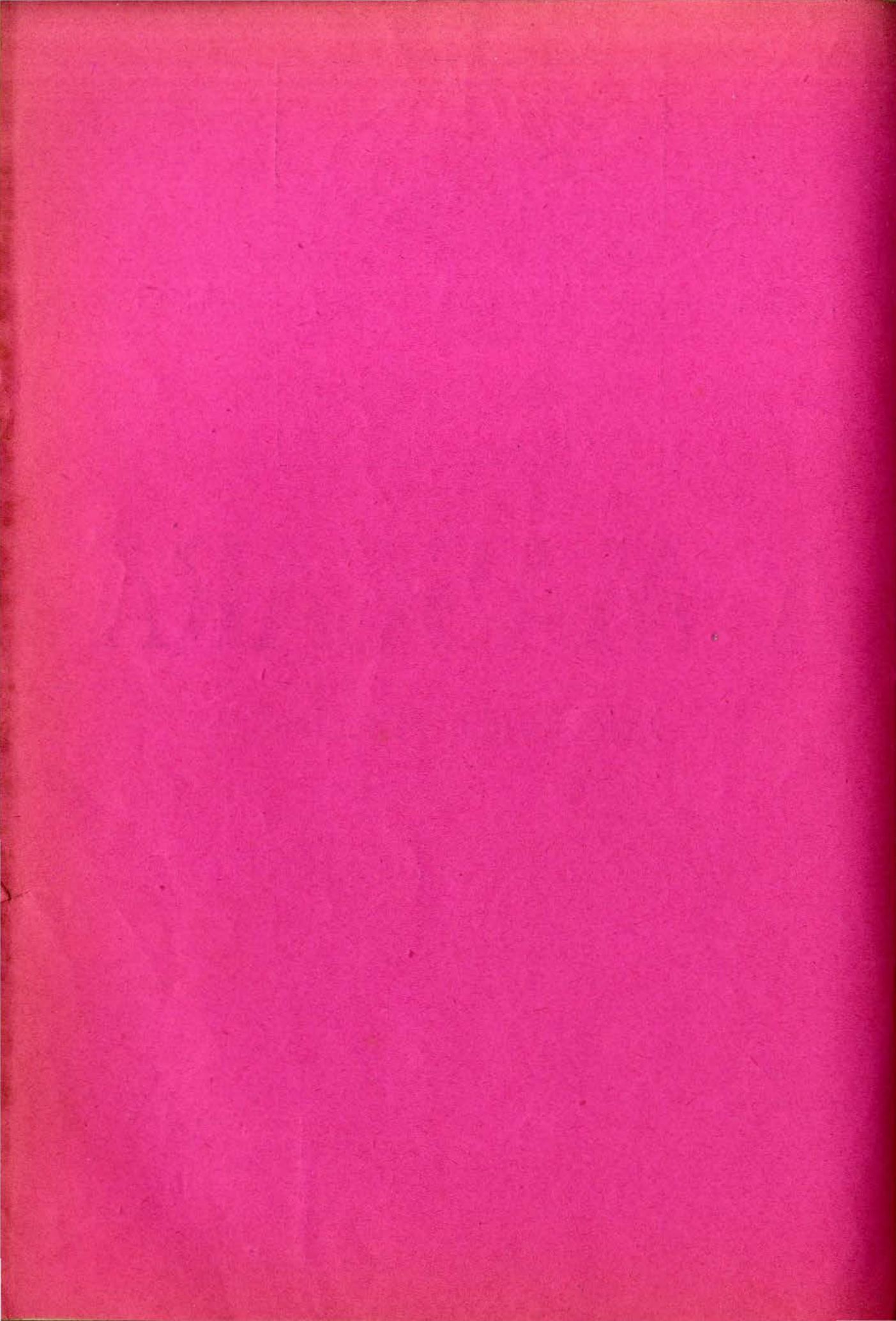
Arte — Vida — Theatro

POR

MANOEL DE SOUSA PINTO

50 Réis

LIVRARIA FERIN, EDITORA
Baptista, Torres & Ct.^a
70, Rua Nova do Almada, 74
LISBOA





A MASCARA

Arte — Vida — Theatro

Lisboa 20 de Fevereiro de 1912

XIII—Ultimas Paginas de Eça de Queiroz. (Lello & Irmão, editores. Porto 1912)

POUCOS, raros, escriptores terão deixado ao morrer, para posthuma deliciação dos seus leitores, tantas, tão novas, e tão bellas paginas, como essas, ineditamente louças, de Eça de Queiroz, que, sob o titulo doloroso, triste, de *Ultimas Paginas (Manuscriptos ineditos)*, os seus fieis editores agruparam num volume notavelmente transbordante, opulentamente impregnado, de belleza, de rythmo, de casticidade — talvez o mais formoso livro publicado em portuguez ha dezenas d'annos.

Massiço, abundante, absolutamente consciencioso quanto ao numero e ao valor das suas paginas, o admiravel volume, ante o qual só um paiz criminosamente inimigo da leitura como Portugal — illetradamente analphabeto de parte das suas classes mais aparentemente familiarisadas com o abecedario — se atreveria a arvorar o silencio boçal, profundo, deprimente, que, numa authentica apotheose de chiqueiro, acolheu sem gaudío joia de tão ricas perolas; esse volume admiravel, dizia — testamento encantador de um inegualavel artista — encerra materia de sobra para nos fazer carpir, prantear, sobre o desaparecimento, por elle se vê que prematuro, de um classico sereno e consummado, que, com o mesmo nome, não deixará a historia litteraria de registrar ao lado do nervoso, moderno, Eça das ironias e dos typos contemporaneos.

Confessarei que, ao ler essa indiscutivel maravilha *S. Christovam* — de uma phantasia que, tendo dos gregos, de

Ralelais, e de Swift, é fecundamente original — experimentei uma das mais curiosas sensações, que me lembra ter fruido em todas as minhas horas de leitura.

Como a obra esplendia de uma certeza irrevogavel de phrase, succedendo-se os periodos com o garbo definitivo das pedras insubstituiveis nos edificios consagrados desde remoto, e os capitulos se enfiassem na progressão brilhante e inalteravel que só os velhos textos relidos e reimpressos acclamadamente ganham com o tempo, não podendo duvidar de ser de hontem apenas o seu auctor, transportado, pouco a pouco, me senti a uns dois seculos de distancia no futuro.

Vi-me, ahi em pleno seculo XXII ou XXIII, lendo extasiado, ao calor de uma civilisação mais forte, essas paginas, a que, certamente, o olhar attento, carinhoso, de successivas gerações fulgidamente brunira e fortalecera o lustro inicial, vigo-rosissimo.

Ao embalo d'essa miragem gostosa, Eça de Queiroz afigu-rava-se-me, pelo «suave milagre» da sua prosa, um emulo do puro Manoel Bernardes, narrando com mais amplidão e menos latim, mas igual frescura verbal e imaginosa, scenas delicadas de santos, casos edificantes d'essas vidas de beatitude ou martyrio, que Chateaubriand chamava os «romances do ceo».

Descontada a ingenuidade, por vezes chocante, do bom frade, o satyrista d'*Os Maias* apparecia-me, transfigurado, como um irmão mais subtil e viajado d'esse deleitoso agiogra-pho quinhentista Fr. Diogo do Rosario, de cuja *Historia das vidas e feitos heroicos e obras insignes dos santos* é falta imperdoavel não haver uma edição moderna; ou, guardadas as distancias de suas epochas tão differentes, como um rebento derradeiro, viçoso, da dynastia de André de Resende — o chronista singelamente amovel de S. Gonçalo de Amarante — e de outros, que, pela prodiga magia de seus estylos, melhor do que pelos prodigiosos passos dos seus idolos, tão insinuantemente nos persuadem a concordar com o insuspeito Renan, ao pretender que «a vida se tornaria doce entre os muros de uma cella, ou mesmo de uma prisão, se o recluso lá encontrasse na sua frente os *Acta Sanctorum*».

Na sua precedente obra, desde as *Prosas Barbaras* à *Illustração da Casa de Ramires*, d'*A Reliquia* até *A Cidade e As Serras*, deixou-nos Eça, frequentemente, pedaços de oiro o mais genuino. Nestas suas ultimas producções — que pena é não trazerem as datas — aquelle rutilo oiro, nada perdendo em fulgor, volve-se, pela fluida, perfumada, candida, doçura, em mel suave.

Alem, afeiçãoou, bateu, cinzelou, esculpiu, sorrindo. Aqui, cantando, limitou-se a distillar no papel, como numa colmeia exposta ao sol, favos capitosos.

O ourives tornou-se abelha, e a abelha, volitando fascinada, fascinante, no jardim pulcherrimo do *Flos Sanctorum*, fez-se bolandista.

Convertido em resurgidor de santidades, Eça renegou, fugiu, do processo paciente dos beneditinos, curvados sobre as folhas macias dos pergaminhos minuciosos. Preferiu refugiar-se, inspiradamente, na technica luminosa e transparente dos velhos mestres de vidraça.

Vidraças scintillantes, refulgentes vitraes — segundo hoje em dia dizemos — são, positivamente, esses quadros magnificos da sua breve, enternecida, *Legenda Aurea*; lendas de oiro, em verdade, onde, vivificadas pelo sol robusto da sua prosa, sobremodo alumiadora, as figuras e as scenas se projectam, felizes, em um nimbo jocundissimo de luz e de sombras, de rubores e opalescencias, de cores e de reflexos, alegradas, de onde a onde, pela graça risonha e meuda de uma illuminura de horas preciosas; commentadas, de quando em quando, com uma ingenuidade propositalmente rustica de primitivas vinhetas em madeira.

Inclue o apaixonante livro duas lendas completas de santos, *S. Christovam* e *Santo Onofre*; as paginas iniciaes da mallograda e incontinuaavel novella *S. Frei Gil*, onde o Fausto

escalabitano, dramatisado por Moreto, promettia ter encontrado a sua definitiva encarnação; e alguns artigos e cartas ainda não archivados nos seus volumes de chronicas.

Não ha, nas quinhentas paginas d'este ultimo tomo das suas obras completas, nada para engeitar, se bem, em contadas passagens — que redondamente desmentem a falta de expontaneidade e a dolorosa gestação litteraria, attribuidas a Eça — se sinta a ausencia d'essa aperfeiçoadora lima com que elle soia desbastar, teimosa e acariciadoramente, a minima inlisura dos seus periodos avelludados. Provavel me parece que, em futuras reedições, os trechos finaes do *Ultimas Pagnas* se recolham aos volumes a que naturalmente pertencem: o *Testamento de Mecenas* ás *Cartas de Inglaterra*; a carta a Eduardo Prado á *Correspondencia de Fradique Mendes*; ás *Notas Contemporaneas* a espiituosa carta a Camillo Castello Branco e o artigo *O Francezismo*.

Ficarão assim definitivamente como suas ultimas paginas o *S. Christovam*, o *Santo Onofre*, e o *S. Frei Gil*. Como já o deixei transparecer, é ao *S. Christovam* que a minha predilecção mais destaca entre os tres, dado o incompleto do ultimo, que deveria talvez vir a ser o mais bello.

No *Santo Onofre*, Eça de Queiroz, ao dar-nos essa anciosa atormentada figura do deserto e da penitencia, deixou-se dominar demasiadamente pelas suas ideias de moderno. O scenario, primoroso de evocação, é antigo, mas a alma do solitario, pungido por esse estranho, dostoiewskiano, remorso dos milagres realisados, é bem do nosso tempo. Atravez do enlevo com que conseguiu tocar o eremita, divisa-se por vezes, muito pronunciada e penetrante, a sua ironia tão fundamente escarpeladora. Alguns dos quadros da sua obra redundam mesmo na satyra mais contida, mas mais efficaz, que contra o ascetismo jámais se compoz: num processo ousado, alvejante, perfeito, da vaidade omnipotente, que determinava os eleitos do Senhor, do mesmo mesquinho e imperioso modo por que tem movido os reprobos de todas as edades.

O vulto mysterioso de S. Frei Gil, que a tantos tem tentado; que Castilho projectou gizar num romance *O Homem do Diabo*

e de Deus; que o Dr. João Pedro Xavier do Monte empalhara, no seculo XVIII, com as rimas trivialissimas da sua anonyma *Egidéa*; que, ainda recentemente, Theophilo Braga petrificou num poema rijissimo, e Antonio Correia d'Oliveira dissolveu num outro poema etigo; seduzira tambem, ha muito tempo, a arte de Eça de Queiroz. Obedecendo talvez ao *desideratum* de Garret, que o apontara de fugida na *D. Branca*: «Nós precisamos de quem nos conte as admiraveis luctas — ora comicas, ora tremendas — do nosso Frei Gil de Santarem com o diabo.» — já em 1891, como se vê do prefacio das *Prosas Barbaras*, elle confiara a Jayme Batalha Reis o seu projecto: «Estou escrevendo a vida diabolica e milagrosa de S. Frei Gil; — e por signal — dir-to-hei agora aqui, quando justamente nos achamos sob arvoredos, — que a nossa riquissima lingua portugueza me parece deficiente em côres com que se pintem selvas; — e tambem te confiarei que, tendo mettido, por minhas proprias mãos, o santo bruxo n'uma floresta, não sei como o hei-de tirar de lá.»

Alem do projecto d'essa sua chronica lendaria sobre a mocidade do santo aventureiro, que foi uma especie de sagrado heroe de novella picaresca — um Gonçalo de Cordova, um Gil Braz, ou Estebanillo González, do agiologio — parece que Eça pensou egualmente em fazer com elle um drama. Deprehende-se isso de uma communicacão de Eduardo Garrido a Silva Pinto, quando este fallecido escriptor annunciou, em 1897, um seu trabalho a respeito de Frei Gil — trabalho que, sahido mais tarde a lume, é unicamente uma mal cerzida collecção de apontamentos de pouco interesse. Ante a noticia jubilosa, Silva Pinto promptificou-se a renunciar ao seu intento, numa carta a que Eça de Queiroz respondeu com esta outra, interessantissima para a historia da sua obra:

«*Meu caro collega* — Leio nas *Novidades* a sua carta tão generosa e de tão bella confraternidade, renunciando á continuacão do seu trabalho sobre S. Frei Gil. E' certo que eu comecei um grosso livro sobre esse nosso santo. Mas, ha dois annos que no capitulo 3.º ou 4.º, o moço D. Gil indo a caminho de Toledo, ficou parado, estendido na relva, entre grandes

arvores, á beira d'um rio claro, a conversar com o senhor de Astorga, que (aqui entre nós) é o diabo... E dois annos são passados e ainda o illudido cavalleiro se não levantou da relva. Continuará elle jámais a sua jornada para Toledo? Não sei. Outros estudos, outros livros me teem chamado — e até outros santos, que me reteem pela sua santidade mais doce e mais simples. Não desista, pois, o meu amigo do seu trabalho, em consideração pela prioridade do meu, tão incerto. Além d'isso, supponho que o seu seria o S. Frei Gil historico. O meu era o santo lendario, que eu abandonaria, apenas elle penetrasse no socego e nas realidades do seu convento de Santarem. E de resto, á sombra de tão grande santo cabem bem dois peccadores como nós. Fico em todo o caso muito reconhecido á sua excellente delicadeza, e peço me creia, com toda a sinceridade, muito dedicado *Eça de Queiroz*. Paris, 29 de Maio 1897.»

Que o auctor sempre conseguiu levantar da relva o «illudido cavalleiro» sabem-no todos os que, no fim da truncada novella agora publicada, o viram, apoz o banquete com o diabo e a visão da «Mulher maravilhosa» da barca, cavalgar suspiroso a mula que o seu fiel escudeiro *Pero Malho* lhe trouxera á redea. Grande perda, porem, foi que *Eça* nos não contasse do resto da jornada e das aventuras de Gil de Valladares; que o aprazibilimo chronista se saciasse do assumpto, ou desgostasse do trabalho já feito. As cem paginas que do S. Frei Gil nos legou, são das mais gloriosas da sua obra. O final do segundo capitulo, por exemplo, attinge um sabor quasi physico, palpavel, de bemaventurança e fortuna, muito difficilmente egualavel, como difficil de egualar se torna a encantadora, maviosa delicadeza do idyllio fugaz de *Gil* e de *Solena*, á beira da agua, no prado, sob a faia do primeiro encontro, a que, com esplendida symetria, se pode comparar o outro de *Alfredo* e *Etelvina*, no *S. Christovam*, esquecidos sobre uma pedra, «com os olhos postos na mesma pagina que não voltavam, córados, com o peito a arfar» — scenas de ecloga tão amoraveis e peregrinas, que, menos do que Theocrito ou os bucolistas, recordam o enternecido Shakespeare do

Romeu e Julieta ou o Dante enternecedor de Paulo e Francisca.

*

Entre esses outros santos «de santidade mais doce e mais simples», a que Eça de Queiroz alludia na sua carta a Silva Pinto, devia estar, espadaudo, tôsko instinctivo, S. Christovam — o porta-Christo, carregão santificado do Menino Jesus; essa curiosa fusão catholica de Hercules e de Caronte : do gigante irresistivel e do fatal barqueiro da ultima viagem.

A *Legenda Aurea* é muito parca de noticias a seu respeito, e nunca o colossal bemaventurado, cuja imagem foi uso collocar ou pintar ás portas das igrejas ou mesmo nas suas fachadas, mereceu maiores attenções aos biographos do paraizo. Tudo se resume na sabida lenda, que é quasi uma simples anecdota, narrada por Thiago de Voragine, a 28 de Julho, de um cananeu, de doze covados de altura e rosto horripilante, que, estando ao serviço de seu rei, teve a ideia de procurar o mais poderoso principe da terra, para o escolher como amo. Alistado entre os servos de um monarcha afamado pela extensão da sua soberania, viu-o, um dia que um trovador cantava uma canção em que frequentemente se referia ao diabo, benzer-se assustado, ao ouvir o nome do inimigo. «Se temes o diabo — disse Christovam — é porque elle pode mais, do que tu!» — deitou-se ao caminho atraz do mafarrico. Encontrando-o, na pessoa do chefe de um exercito numeroso, seguiu-o sem hesitar. Ao passarem junto de uma cruz, o coisa má, apavorado, desatou a correr, dando uma grande volta para a evitar. «Se te arreceias de Christo é que elle tem mais poder que tu!» — considerou Christovam, e foi em cata do homem-deus. Por conselho de um ermitão, cortando uma arvore á guiza de cajado, poz-se a carregar os viajantes na travessia de um rio perigoso, até que lhe succedeu transportar ás costas, de uma para a outra margem, o Menino Jesus, que, com o mundo na mão, pezava toneladas, e finalmente se lhe deu a

conhecer como o salvador dos homens, mandando-o plantar o seu cajado, que em breve floriu numa palmeira cheia de folhas e tamaras.

De um tão exiguo arcahouço, que, alliaz, engeitou em quasi todos os seus dados, norteado apenas pela sua imaginação, mais avantajada do que nunca ao erguer tal figura, fez Eça a estupenda maravilha d'esse seu grande conto lendario, em que a idade-media revive numa serie de aguas-fortes magistraes, e o bom do santo alentadissimo é, em toda a sua disformidade e hirsutez, rehabilitado artisticamente, divinamente, em duas centenas de paginas, tão perfectas, tão esmeradas, tão continuamente brilhantes, que chegam, por vezes, a darnos, sem cansaço, mas em deslumbramento, a necessidade de repousar, entre um capitulo e o outro, alguns minutos, como uma desalterante agua muito pura ou um desanuviado sol muito claro, que melhor se gozam, aquella servida com pausas saboreantes, olhado este com os olhos de vez em quando refrescados pelo abaixar das palpebras.

Ao reler a obra, eu, relembrando um S. Christovam da Sé de Toledo, o *Cristobalon*, de quatorze metros de estatura, e outros de formidaveis proporções, como um, do norte de Italia, de que um amigo me contou tê-lo o artista começado a pintar, pela parede acima, com tão immenso tamanho, que, ao chegar á cornija, o teve de dobrar para o outro lado; vendo a seducção com que Eça realisara o seu gigante; mais admirei o poder fascinador d'essa sua obra inadjectivavel, em que tão forte e condensadamente a arte se abriga, que as suas paginas já anteveem, para o seu cabeçudo santo, outro milagre da arte — apoz o milagre da penna, um milagre do lapis — que as illustre condigna, luxuriosamente, e faça d'ellas, ainda com mais brilho, o que já são, até agora o mais formoso livro portuguez d'este seculo.

XIV— O Botequim do Felisberto. *Comedia em 3 actos de Tristan Bernard, traducção de Accacio de Paiva. Amor ao Pello. Comedia em 1 acto de Georges Courteline, traducção de João Phoca* (Theatro da Republica 14 e 16 de Fevereiro).

No cartaz inconstante do Republica, alternaram, a passada, galhofeira, semana do Entrudo, os nomes de dois dos melhores representantes da sadia alegria gauleza; presentemente os dois maiores auctores comicos da França: Georges Courteline e Tristan Bernard.

Courteline é, morto o vigoroso desenhista do *Poil de Carotte*, Jules Renard, um dos mais interessantes, perspicazes, observadores contemporaneos, o satyrico profundo d'essa farça dolorosa *Bouboroché*, que Lisboa applaudiu no Normal.

Desde a sua *Conversão de Alceste*, apostilla ao *Misanthropo*, tornou-se corrente chamar ao autor de *La Paix chez soi* «o Molière do boulevard», o que me não parece inteiramente bem cabido, pois lhe falta, em notoria proporção, a *vis dramatica* — esse expontaneo, agenciador, sentido do theatro, que o lisonjeiro epitheto presuppõe.

Registando numerosos exitos á luz das ribaltas, Georges Courteline não se mostra, estructuralmente, um escriptor theatral. Nas suas peças scintillantes, curtas, amargas, denuncia-se, sobretudo, como um contista original, cujo talento, transposto ao palco, sabe quasi sempre violar, sem darmos por isso, as leis da scena, mas persiste alheio, talvez superior, á arte das combinações e dos effeitos scenicos — d'onde provem que o seu theatro, muito especial, só pode impor-se, com sincero agrado, a plateias de uma certa cultura.

Um dos seus volumes intitula-se *Os Fantoques da Vida*, e é isso essencialmente Courteline: um homem de espirito sem-

pre á cata de fantoches curiosos para nos mostrar; não os banaes fantoches de arame e panno, mas os fantoches de carne, osso, vicio, e paixões em que a titiriteira sociedade abunda.

As suas peças, como as suas paginas, leem-se ou ouvem-se com um sorriso indeciso entre a mofa e a comiserção; fazendo-nos mais facilmente pensar do que rir os seus typos inconfundiveis, arrancados ás casernas, aos tribunaes, ás esquadras policiaes, ás repartições, ou joeirados d'entre os escravos do codigo ou dos amores vulgares—porque Courteline é, fundamentalmente, um ironista, com toda a magna dose de dor que ha em toda a ironia verdadeira.

De Courteline deu-nos o sr. S. Luiz de Braga o dialogo *La Peur des Coups*, traduzido por João Phoca, em luso-brasileiro muito destoante do merito litterario do original, com o titulo assaz equivalente de *Amor ao Pello*.

La Peur des Coups, que o auctor classificou de sainete, é, apenas, uma scena de ciumes entre um *Elle* e uma *Ella*, que voltam de um baile pela madrugada. Ao chegar a casa, o marido entra de censurar a mulher por ter favorecido o galanteio desaforado de um militar. *Ella*, já costumada ás recriminações maritaes, ouve-o com fleugma, troça-o descabelladamente, acabando por lhe fornecor o bilhete do fardado admirador para que o procure e espontapeteie. *Elle*, apezar das desabridas ameaças, o que não quer de modo nenhum é arriscar a pelle. Invoca para não sahir quantos pretextos lhe occorrem, inclusivé o seu patriotismo, que lhe prohibiria desrespeitar a farda de um soldado francez. Vendo, porem, que não consegue convencer a esposa da sua muito duvidosa valentia, é contra ella que volta, em ultimo recurso, as suas furias, desatando a vociferar e a bater como um damnado, já que a esse Ferrabraz ciumento só para duas coisas a coragem o não abandona: para tyrannisar a companheira e para despedir volta e meia as creadas.

Encarregaram-se da courtelinesca scena Jesuina Saraiva e Chaby Pinheiro, que lhe deram uma interpretação hesitante e vagarosa, carregada em demasia.

A graça de Tristan Bernard differe muito da de Courteline: menos infusa, mais aberta, mais communicativa. Com as suas grandes barbaças de fauno e a sua violenta sympathia pelo jogo do murro, Tristan Bernard é um humorista endiabrado, irresistivel, fecundissimo, por vezes ate quasi americano, nas destemperadas facecias do seu humorismo, composto á machina de escrever.

Ao contrario do escriptor de *Messieurs les Ronds-de-Cuir* e de *Un Client Sérieux*, o auctor de *Monsieur Codomat* e de *Le Flirt Ambulant* é genuinamente um comediographo. Fóra do palco o seu espirito esfria, turva-se, perde a efficacia, mas, dentro do seu modelo preferido, o do velho *vaudeville* de caracteres, tem dado ao theatro moderno da sua terra — que é um pouco o theatro de todo o mundo — algumas obras saborosissimamente comicas, como *Les Jumeaux de Brighton*, bebidos em Plauto, *Triplepatte*, representado no ex-D. Maria, *Le Danseur Inconnu*, ou *Le Poulailleur*.

Le Petit Café, bello successo do *Palais Royal* nesta epocha, continua a serie d'essas suas desopilantes phantasias. Estou mesmo em dizer que constitue, no seu genero, uma das producções mais comicamente originaes ultimamente apparecidas. O Republica pô-la agora em scena com bastante cuidado, numa versão conscienciosa e brilhante de Accacio de Paiva, que lhe chamou *O Botequim do Felisberto*.

E' muito simples o entrecho da peça, cheia, no emtanto, de imprevisto no desenrolar pittoresco dos seus tres animados actos.

No primeiro, estamos num modesto café de um bairro excentrico de Paris. Numa meza, uma mundana fatigada joga interminavelmente ao dominó com um velho gaiteiro. E' o botequim de *Felisberto*, cuja filha se chama *Yvonne* e cujo creado se chama *Alberto Loriflan*. Este *Alberto* é um typo semi-romantico de creado, ligado, mais por medo do que por amor, a uma tal *Edwiges*, directora de uma orchestra de

damas ora húngaras, ora sicilianas, ora bulgaras — sempre todas suas irmãs — que o não deixa pôr pé em ramo verde. *Alberto* ama também platonicamente a filha do patrão, a qual só se lhe dirige para o reprehender sobre o serviço, e ama ainda o vinho da garrafeira do botequim, onde, em apanhando uma aberta, se mette a decilitrar com gana, para afogar as maguas. Numa d'essas suas descidas á adega, um freguez assiduo do café com leite do estabelecimento, *Bigredon*, pobreirão trapaceiro, de faro desavergonhado para as traquiberrias, communica a *Felisberto* que, dentro de meia-hora, o seu creado *Alberto* receberá a noticia, absolutamente veridica, de ter herdado oitocentos mil francos. E' preciso tirar proveito d'essa herança. *Bigredon* já pensou nisso: *Felisberto* proporá immediatamente a *Alberto* um contracto por vinte annos, com o ordenado annual de cinco mil francos, sob a clausula, porém, de, no caso de alguma das partes o rescindir, ter de pagar á outra duzentos mil francos de indemnisação. Sabendo da sorte que lhe coube, *Alberto* não pensará mais em ser creado de café, despedir-se-ha, e *Felisberto* empalmará, assim como quem não quer a coisa, duas vezes cem mil francos. *Felisberto* hesita, por escrupulos da sua consciencia, que requer um minuto, pelo menos, para se afazer a uma patifaria. Afaz-se a mais esta, sem mais demora. Quando *Alberto*, com dois grãos na aza, volta cambaleante da libação prolongada, o patrão apresenta-lhe a proposta. *Alberto*, acceita-a pressuroso e estonteado. Mal tem assignado o papel, eis o carteiro, que chega com a participação official da herança. *Alberto* ao principio, recusa-se a acreditar, reconhecendo mesmo que está bebedo. Ante a evidencia, porém, commove-se até beijar todos os presentes e reganhar o aprumo costumado. Oitocentos mil francos! Ir-se-ha embora naquelle mesmo momento; é só o patrão fazer-lhe as contas. Ao fazê-las, *Alberto*, que já esquecera o pactuado, vê-se obrigado a satisfazer os duzentos mil francos da multa. Duzentos mil francos! Quem quizer que os pague — ver-se-hia reduzido a seiscentos mil, e elle, agora, que enriqueceu, já não poderia viver com menos dos oitocentmil da herança. Ficará, portanto, ao serviço de *Felisberto* até

1931. Na ancia de se libertar, uma ideia lhe fulgura no cerebro: se fôr o patrão a prescindir do seu trabalho, auferirá elle, com a liberdade, a maquia estipulada. Começa a fazer tudo quanto lhe occorre para o patrão o pôr na rua, correndo com os freguezes, mandando a *Felisberto* que os sirva, desacreditando o cognac feito com aguarraz, e vasando o café em calices de licor. O amo arrepele-se todo, mas, com pavor ao desembolso, não se atreve a pô-lo na rua. Limita-se a chamar um agente da secreta para testemunhar as tropelias de *Alberto*, que, avisado da cilada pelo moço da casa, retoma instaneamente a sua gentileza habitual, enquanto *Felisberto*, a bufar, principia a suspeitar de ter sido mais uma vez intrujado pelas falliveis artimanhas de *Bigredon*.

O segundo acto é num restaurante elegante do centro de Paris, com cocotes d'espavento e orchestra hungara, regida, já se vê, pela rabujenta e internacional *Edwiges*. Não conseguindo libertar-se do patrão, nem perder o amor aos duzentos mil francos, *Alberto Loriflan* organisou a sua vida de um modo curioso, que o traz derreado e mal dormido. Desde manhã até á meia-noite, de avental e bandeja, é o *Alberto* sem mais nada, no botequim do *Felisberto*. Da meia-noite á madrugada, de casaca e flor na lapella, é *Loriflan* nos centros estroinas, por onde passeia uma ostentosa e cubiçada amante, *Lucrecia* — no original *Berangère d'Aquitaine* — a quem desperta muito curiosidade o emprego mysterioso que elle possa ter durante o dia, em que ninguem logra pôr-lhe a vista em cima. Quando o panno sobe, é, pouco mais ou menos, meia-noite. Ha em scena duas mezas, uma reservada para *Loriflan*, a outra destinada a um janota chegado da provincia, *Gastonnet*. Ao mesmo restaurant vem parar, esfomeadissimo, *Bigredon*, que combinou juntar-se alli com *Felisberto*, para confundirem *Alberto*, tentando assim mais uma vez força-lo a despedir-se. A' espera de *Felisberto*, vae *Bigredon*, por conta d'elle, ingerindo algumas duzias d'ostras, que, com uma ceia bem regada por cima, o inutilisarão para o resto do acto. *Lucrecia*, com uma amiga e o companheiro d'esta, installam-se á espera de *Alberto*, que tarda mais que o costume. Final-

mente chega elle, demorado no seu posto pelos limpas-chaminés. Torna-se immensamente comica a situação do creado feito elegante á pressa, com carro aturado para o trazer do modesto café, onde serve, ao sumptuoso restaurante, onde vae ser servido. Começa a ceia, pondo *Alberto*, industriado nos segredos e berundangas da cosinha e das zurrapas, embargos a tudo quanto o creado lhe propõe, o que ainda redobra a comica posição d'este pittoresco freguez-creado ou creado-freguez. Mal se tem sentado á meza, ouve-se a cantilena das damas húngaras. *Alberto* estremece, ao reconhecer sem engano o falsete ciumento de *Edwiges*, que, dentro em pouco, surge para o peditorio. Erguendo-se, *Alberto* sobraça o guardanapo. *Edwiges* pensa que tambem alli está como creado, e reparte com elle as gorgetas — gorgetas para que *Alberto* esportulou do seu bolso a maior somma. Quando *Edwiges* volta costas, e *Alberto* se julga descansado, eis *Felisberto*, ante quem elle egualmente se levanta, porque, emfim, sempre é o patrão. *Felisberto* tem de accudir urgentemente ás diabruras de *Bigredon*, entrado na murraça. Decide-se *Alberto* a cear, mas de novo *Edwiges* assoma, com o rancho das suas suppostas irmãs, para entoarem uma canção. *Alberto*, que *Lucrecia* obriga a sentar-se a seu lado para o afagar, não pode aguentar por mais tempo o embuste. *Edwiges*, enfurecida, investe com *Lucrecia*. *Gastonnet* intervem. *Alberto*, a mandado de *Edwiges*, diz-lhe que faça de conta que lhe deu uma bofetada. E' um reboliço, de que um providencial policia livra *Alberto*, prendendo-o por engano, o que elle agradece infinitamente reconhecido.

E' novamente no botequim do *Felisberto* o terceiro acto. *Alberto* volta, em carruagem, da pandega e da cadeia, farto da vida de luxo; com mais funda ternura pelo café, onde tem passado, decididamente, as suas melhores horas. Successivamente lá vêm parar, á sua procura: as testemunhas de *Gastonnet*, que, ao sabê-lo um simples creado, desistem do duello, dando-lhe todas as explicações; *Edwiges*, que lhe exige a sua mão de esposo; e, com identica exigencia, *Lucrecia*, que se sente deshonrada pelo avental do seu amante. *Alberto* encar-

rega-as de discutirem entre si com qual das duas deve casar. *Lucrecia* desmascara *Edwiges* como mãe de quantas irmãs se tem attribuido, e, ainda por cima, de um gigante russo. Por este infantil processo, *Edwiges* abandona o campo, e por outro, não menos pueril, *Lucrecia* cede tambem da pretensão, finalizando tudo muito em bem, com o casamento de *Alberto* e *Yvonne*, a filha de *Felisberto*, a conselho de *Bigredon*, rehabilitado.

Segundo Ernest la Jeunesse, a ideia do *Le Petit Café* foi fornecida a Tristan Bernard por Alphonse Allais, o fallecido humorista de *L'Innocent*. Isso nada tira ao merito com que o auctor a desenvolveu e tratou, com um humorismo quasi sempre sobrio e seguro, que costeia as mais das vezes, sem exa-geros, a realidade, e, embora destinado ao *Palais-Royal*, de libertinas tradicções, o seu divertido trabalho, mondado de toda a escabrosidade ou desmando, prova como, em theatro, se podem levar tres actos em constante gargalhada, sem o auxilio vicioso dos temperos pornographicos ou suspeitos.

O Republica, como já o disse, montou a peça com cuidado e aceio. O scenario de Augusto Pina tem a cor requerida, e o desempenho orça pela afinação, sendo de justiça destacar Henrique Alves no *Alberto*, a que forçou talvez um nadinha a distincção, que a personagem não comporta; Chaby Pinheiro, naturalissimo no *Felisberto*; Carlos d'Oliveira, excellentemente no *Bigredon*; e Angela Pinto, numa deveras patusca *Edwiges*.

XV—A Dançarina Descalça. Opereta em 3 actos, arreglo de E. Vitale, traducção de Accacio Antunes, musica de F. Albini. (Theatro Avenida 16 de Fevereiro).

APOZ uma suspensão á ultima da hora, lá deixaram o Avenida, para onde agora tornou José Ricardo com a companhia que estava no Porto, representar *A Dançarina Descalça*, mais uma das peças com voga lá fóra.

A Dançarina Descalça pertence ao numero avultado das operetas modernas germano-austriacas, que são, de ordinario, uma mescla divertida, e por vezes feliz, de sentimentalismo e canalhice, de opera-comica e café-concerto, com numeros bisaveis obrigados a beijo — o *soul-kiss*, vindo da America do Norte — e, da parte dos auctores, uma admiração declarada pelos habitos desavergonhadamente elegantes da alta pandega franceza.

E' curioso que são os auctores germanicos quem, hoje em dia, melhor propaganda se encarrega de fazer pelo mundo — por onde os seus trabalhos andam, ao presente, espalhadissimos — das excellencias e seducções da industria parisiense da *cocotaria*. Os mazombos do Norte, cantando os encantos, não se pode dizer que do sol — visto que o que elles dythirambisam é o Paris nocturno — mas da luz electrica do meio dia! Os bebedores de cerveja, entoando hymnos ao Champagne glorioso, espirituoso, da Gallia! — pois que o Champagne, lá se vê mais uma vez na *Dançarina Descalça*, é tão obrigatorio como a já citada beijoca a compasso, tambem exhibida na nova peça do Avenida.

Destinadas originariamente a companhias de luxo e figuração muito differentes da figuração reduzida e do parco luxo das companhias portuguezas, a opereta moderna, cujos espectaculos, em certos theatros do estrangeiro, onde as mulheres

bonitas ou graciosas são tão vulgares como por cá as semsaboronas e as que nada devem á formosura, constituem verdadeiros esplendores, perdem muito nos palcos lusitanos, em que tudo é mais modesto, desde a graça e a arte das artistas, á apresentação e movimentação dos córos, nos quaes raro se topará com alguma figura que tenha uma ligeira ideia do que está alli a fazer.

Dentro dos recursos e do pequeno espaço de que dispõe, José Ricardo montou *A Dançarina Descalça* com relativo aparato e bom gosto, sendo de lastimar que as figurantes e as coristas se não convençam um pouco mais dos seus papeis.

O entrecho da *Dançarina Descalça* resume-se ao caso de um *Jorge Frippon*, que, tendo abandonado em Paris a sua amante *Colette Frappart*, estrella do *Chat-Noir* e ido á India liquidar uma herança, é, na volta, atacado no seu navio por um salteador, que, usurpando-lhe o nome e uma bailadeira indiana, *Gezira*, com quem pretende casar, vem installar-se luxuosamente em França. No primeiro acto, prepara-se uma festa em casa do falso *Frippon*, para a qual *Colette* foi convidada. Disfarçados em saltimbancos, o verdadeiro *Frippon*, com o nome de *Nicles*, *Yuffar*, noivo de *Gezira*, e *Hobbs*, commandante do vapor em que todos viajavam, introduzem-se no palacio, com o fim de desmascarar o falso *Frippon*, para o que diligenciam pôr *Colette* do seu lado. Esta, porem, como *Nicles* lhe recuse casamento, accusa-os de impostores, até que, conseguindo, no terceiro acto, casar com o verdadeiro *Frippon* sem que elle dê por tal—para o que lhe basta casar com o outro *Frippon*, que lhe usurpou o nome—tudo se resolve, ficando *Colette* unida conjugalmente ao seu antigo amante, e conjugalizando-se tambem *Yuffar* com *Gezira*.

A musica de F. Albini, se bem não prime por uma excessiva originalidade, ouvê-se sem enfado. O desempenho é bastante harmonioso por parte da Cremilda d'Oliveira, na *Colette*, Isabel Fragoso, na *Gezira*, José Ricardo, Almeida Cruz, Armando de Vasconcellos, e Pinto Ramos.

XVI—Duas revistas de Carnaval: *Ao de leve*. 1 acto e 3 quadros de Polito Gino, musica de Thomaz Lima. (Theatro da Republica 16 de Fevereiro). *Ao correr da fita*. 1 acto e 3 quadros de Leandro Navarro e Alberto Barbosa, musica de Luiz Filgueiras e D. Luiz Quesada. (Theatro do Gymnasio 16 de Fevereiro).

E' já velha praxe do Republica dar pelo Carnaval uma revista curta, que, no geral, agrada em cheio, protelando-se abusivamente pelo anno adeante, como succedeu o anno passado á *Num Rufo*, que ainda no Natal estava em scena. Com a d'este anno, supponho, outro tanto não acontecerá, pelo que, á falta de outro qualquer, ficará esse insonso e pretencioso acto tendo o merito de nos massar por muito pouco tempo.

Ao de leve, que, por signal, é um titulo do sr. Dr. Brito Camacho, e cujo auctor ou auctores guardaram o incognito, attribuindo a sua producçãosinha ao compadre da peciôla *Polito Gino* — supposta redução de Hypolito Hygino pela reforma orthographica ultimamente decretada — primou pela sensaboria e pela completa falta de conhecimento do genero.

Ao seu fazedor ou fazedores occorreram duas ou tres personagens, que, dado o quilate dos interpretes, podiam, apenas com dois dedos de graça ou phantasia, tornar-se interessantes. Não souberam, porem, aproveita-las os auctores — já agora ponho decididamente no plural, porque as revistas vão sendo coisas que ninguem se atreve a fazer sósinho — e faz pena, ver a companhia do Republica, annualmente obrigada a esse sacrificio, perder o seu tempo com tão anodyna patacoada. Confrange que Adelina Abranches, tão engraçadamente vestida de menino de côro e de garoto, não tenha meio dito de

espírito para dizer, bem como Chaby, de lucto pezado por fóra e por dentro, no *Polito Gino*, desenxabidissimo. Apenas Angela Pinto teria tido occasião de brilhar, se a sua imitação de Yvette Guilbert lhe sahisse tão feliz como, no anno passado, a de Mayol.

Dos tres quadros em que a revistinha se divide: *Agencia littero-dramatica*, *Como ellas se armam*, e *No Caes das Perdizes*, o mais aproveitavel é o ultimo, inspirado no *Auto da Barca do Inferno* de Gil Vicente, com um diabo — *O Homem Fatal* — para as peças cahidas, e um anjo calçado — *A Critica* — de vassoura em punho, para as triumphantes, entre as quaes a *Ao de leve* certamente se não pode incluir.

*

O Gymnasio, que até hoje se não entendera com a revisitorréa dominante, arranjou tambem agora a sua revista para o Carnaval. Oxalá não lhe tome o gosto.

Intitula-se o acto de Leandro Navarro e Alberto Barbosa *Ao correr da fita*, e tem algumas figuras engraçadas, sobretudo no primeiro quadro — *Barbas de molho* — passado na loja de um rapa-queixos, onde um saloio de Fanhões vae despejando da albarda do seu invisivel burro variadissimas hortaliças, fructas e legumes: da abobora á pimpinela, da salsa á azeitona; no fim de cujo desfile, — que não é muito novo — nos apparece uma reaccionaria *Lagarta* bem achada, com um traje de um bom gosto verdadeiramente raro em guarda-roupas nacionaes.

No *Ao correr da fita*, o verso destaca-se muito da prosa, assim como esse primeiro quadro se destaca bastante do segundo — *Cinema...troça* — assaz monotono, onde, comtudo, ha um final bem arranjado, com a separação da Igreja e do Estado.

A revista, que pecca por excesso de pimenta, está no geral bem vestida, e a musica tem dois ou tres numeros agradaveis. O desempenho, em que, do lado masculino, Cardoso,

Telmo, Augusto Machado, e Albuquerque dão o possível relevo aos seus papeis, resente-se da falta de interpretes femininos. Carolina Baptista, possuindo uma plastica de apotheose, dispõe de pouca voz e de nenhuma vivacidade, Laura Hirsch brilha pouco, e Albertina, que o costumista vestiu inexplicavelmente de amarello e encarnado em poste de paragem dos electricos, fazendo a Comadre, limita-se a ter uns olhos travessos.



Nota.— Por doença do seu auctor, deixou de publicar-se **A Mascara** no sabbado passado, pelo que se pede desculpa aos seus assignantes e leitores.



*** A MASCARA publicar-se-ha todos os sabbados, desde 15 d'outubro a 15 de julho, em folhetos de 16 a 32 paginas. ***

PREÇOS

AVULSO:

Portugal..... 50 réis
Brazil..... 250 réis (moeda fraca)

ASSIGNATURA (pagamento adiantado):

Cada serie de 10 numeros

Portugal..... 550 réis
Brazil..... 2\$500 réis (moeda fraca)

*** Toda a correspondencia relativa á administração deve ser dirigida á LIVRARIA FERIN, EDITORA. BAPTISTA, TORRES & C^{ta}, 70, RUA NOVA DO ALMADA, 74.

*** A que diga respeito ao auctor para a AVENIDA DA LIBERDADE, 178, 4.^o, Esq.^o ***

*** Agentes d'A MASCARA:

*** COIMBRA — LIVRARIA ACADEMICA de João de Moura Marques — 171, Rua Ferreira Borges, 173. ***